

Germinal

Jornal da Oposição Operária

Ano X - No. 18

A CRISE GLOBAL DO CAPITALISMO

"A crise financeira... A crise financeira mundial... A crise financeira..."

Os meios de comunicação de massa e um sem número de intelectuais e comentaristas de todo o planeta têm-nos tentado convencer de que o mundo passa atualmente por uma grave "crise financeira". Será apenas uma "crise financeira"? Só para ter uma idéia, os Estados Unidos, a maior economia do planeta, acabam de anunciar uma redução de 6,2% no seu PIB no último trimestre de 2008, o que sinaliza, talvez, mais do que uma recessão, uma depressão econômica que se aproxima.

Ainda no ano de 2007 já tratávamos em nossa Revista Germinal, numa matéria intitulada O Imperialismo no Século XXI: A crise americana como epicentro da crise mundial, justamente de como as contradições em meio à economia americana se avolumavam a ponto de desenvolver a capacidade de arrastar o conjunto da economia do planeta para a sua crise. Não há mais dúvida de que aquela situação ali apontada está agora mais do que configurada, pois a economia americana é o motor da crise mundial, e a sua recessão, ou depressão, faz afundar, juntamente com ela, o conjunto do sistema capitalista.

O primeiro mito a ser desfeito é o de que estamos em meio a uma "mera" crise financeira - por mais que qualquer crise financeira já traga o potencial de irradiação a outros setores da sociedade. Esta crise, muito mais do que "financeira", é uma crise sistêmica, uma crise do modo de produção capitalista, do conjunto do sistema global, quer seja na sua área produtiva, nas finanças, na energia (esgotamento do petróleo), nas instituições (corrupção em todas as esferas), no meio ambiente (destruição do planeta), e até na ideologia econômica que perpassou toda a conjuntura desde o aparecimento dos primeiros governos neoliberais.

Trata-se, portanto, de uma crise plural e total do sistema capitalista, um sistema doente e em decadência e cujos fundamentos se encontram questionados pela atual crise. Não é também, como outros tantos afirmam, apenas uma crise de liquidez, ou uma crise do setor imobiliário, ou o advento de tal crise se tenha dado pela "falta de regulação", ou pela ação inescrupulosa dos especuladores que, ao agirem em busca de lucros fáceis, puseram em risco o capitalismo. Essas são outras tantas meias verdades que ouvimos dos analistas que, ou não compreendem a profundidade e severidade da crise ou agem como ideólogos para entorpecer a compreensão do momento histórico que vivemos.

SUMÁRIO

- 1 A CRISE GLOBAL DO CAPITALISMO
- 4 AS FORMAS SOCIAIS DA VIOLÊNCIA E AS SITUAÇÕES REVOLUCIONÁRIAS EM PERSPECTIVA NO PROCESSO DE CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL
- 6 MÍDIA: RECURSO IDEOLÓGICO, MÉTODO E EFEITO
- 8 ESPAÇO CULTURAL

Publicação
Oposição Operária

SITE
<http://www.opopssa.info>

Email
opopsp@ig.com.br (São Paulo-SP)
opop@opopssa.info (Salvador-Ba)
opopconquista@bol.com.br (Conquista-Ba)

O AGRAVAMENTO DA CRISE E AS "SOLUÇÕES"

Se temos por um lado as tentativas de minimização do fenômeno, por outro podemos perceber na declaração de alguns dirigentes mundiais a gravidade da conjuntura. Gordon Brown, primeiro-ministro inglês anunciou recentemente em reunião na Câmara dos Comuns, a chegada de uma "depressão global", fato depois desmentido e atribuído a uma gafe do dirigente. Nicolás Sarkozy, presidente francês, disse se tratar da "pior crise desde há um século" e propôs recentemente, pasmem, a "refundação do capitalismo". Mesmo o ainda festivo Barak Obama, em recente conferência, concordou com visões "catastrofistas".

Esses mesmos dirigentes têm tentado desesperadamente encontrar soluções, todas paliativas, para enfrentar um problema que é muito mais grave do que os arranjos até então apresentados.

Ainda no governo Bush, em setembro do ano passado, o Governo americano e o FED já haviam feito intervenções com subsídios maciços da ordem de bilhões de dólares buscando socorrer primeiro os bancos e depois algumas indústrias chaves para o país, como o caso da indústria automobilística.

A injeção de fundos para socorrer a quebra geral - a soma já ultrapassa a casa dos trilhões de dólares - promove um alívio momentâneo, mas não resolve o problema. Associado a isso se criam outros problemas tão ou mais graves que deverão cobrar a sua conta num curto espaço de tempo, à medida que joga para alturas estratosféricas o endividamento público americano (e também europeu) num momento em que o endividamento privado se encontra insolvente, o que denota menor capacidade de arrecadação por parte do Estado.

Não vai ser injetando dinheiro em empresas endividadas que os governos, americanos ou europeus, resolverão o problema atual do capitalismo. No máximo, conseguirão "empurrar com a barriga" a depressão que se avizinha. A economia americana está num ciclo vicioso em que a queda na atividade econômica abala o setor financeiro e este, combatido, reforça a crise no setor produtivo. O conjunto do sistema entrou em crise, ou aprofundou uma crise que já estava instalada e que já demonstrava uma decadência produtiva associada a

um sem número de orquestrações financeiras e parasitárias que se desenvolveram por décadas.

A máquina agora emperrou e as medidas tomadas em nível mundial não conseguirão resultados, pois não atacam a causa do problema, mas apenas algumas de suas consequências. Ainda nas soluções paliativas, não vai ser baixando as taxas de juros, comprando ativos tóxicos (carteiras de créditos podres), ou socorrendo indústrias à beira da falência, e nem mesmo injetando liquidez nos bancos que o problema será resolvido. O aprofundamento da crise na esfera produtiva tem resultado em mais desemprego em todo o planeta e também em mais inadimplência, o que agrava ainda mais a crise na esfera financeira. O aumento das dívidas com cartões de crédito e demais dívidas frente aos bancos implica numa necessidade maior

de provisão de recursos para perdas por parte dos bancos e isso reduz a possibilidade de crédito, numa economia já endividada até o pescoço. Este é só um exemplo de como essas crises combinadas se retroalimentam e se reforçam.

Falamos em consequências e em causas, mas quais são mesmo as causas a serem atacadas? Por que não as atacam? Será porque os governos e a burguesia mundial não têm condições de fazê-lo? A esfera financeira da crise é apenas a ponta do iceberg de um problema maior que é a superacumulação de capitais e a impossibilidade do capitalismo em fazê-los valorizar na esfera da produção. Dito de outra forma, o mundo, desde a década de 1970, possui um aparato produtivo tão superdimensionado que a própria economia capitalista não tem condições de realizar (vender) a quantidade de mercadorias que ela é capaz de produzir. Essa superacumulação produtiva só se agravou nas últimas décadas. Como resultado o sistema desenvolveu mecanismos financeiros de ganhos rápidos e fáceis como válvula de escape à incapacidade de criação de riqueza no setor produtivo. A economia ficou "viciada" nesse tipo de maquinação puramente financeira e desenvolveu riquezas fictícias, sem lastro produtivo. Mais do que isso, criaram contradições e bolhas de crescimentos artificiais, calcado em endividamento.



O carrossel da felicidade do capitalismo agora desmorona, e a diminuição do consumo que já se percebe em nível planetário joga mais gasolina na fogueira das contradições, pois à medida que o faturamento das empresas cai estas respondem cortando gastos e demitindo mais e mais. Resultado: aumentam as possibilidades de calote e o problema entra numa espiral sem fim. O resultado de

A CRISE E O SEU CARÁTER DE CLASSE

O acirramento da luta de classes, das tensões e lutas sociais deverá vir à medida que se desdobram os efeitos do endividamento, das demissões, do rebaixamento dos salários, da precarização, dos cortes de benefícios e assistências, etc. Se as crises, por um lado, trazem um monte de consequências duras e difíceis, por outro possibilitam por parte dos trabalhadores o aprendizado que em anos de calma não acontece. Elas têm uma função pedagógica, pois revelam de maneira muito clara o caráter das classes sociais, mostram o posicionamento ideológico dos partidos, a farsa, inércia e traição dos sindicatos e dos oportunistas e reformistas de plantão.

As medidas que foram tomadas até aqui são um bom exemplo do caráter de classe que tem uma crise. O Estado torrou em alguns meses trilhões de dólares e de euros para socorrer bancos e megaempresas. Quando a economia funcionava relativamente bem, com a ciranda financeira a propiciar lucros fáceis, estes eram apropriados pela burguesia de maneira privada. Agora, que a economia articula e aprofunda sua crise, os trabalhadores são chamados a socializar os prejuízos. Para salvar os especuladores veio o socorro de trilhões de dólares; para os que compraram suas

tudo isso tem sido o fechamento de empresas, o aumento do desemprego no mundo (20.000 americanos por dia perderam seus empregos no mês de dezembro). No Brasil, dentre outras façanhas, além dos reiterados anúncios de demissões, às vezes somos convidados a votar o rebaixamento dos nossos salários.

casas na ilusão do crédito farto, o rigor das hipotecas.

Milhares de trabalhadores americanos perderam suas casas e hoje vivem nas ruas, em trailers, em barracas, parques, estacionamentos, na miséria, enfim. Isso para não falar no Brasil, onde essa realidade, que já era grave, agora se torna mais contundente, com os efeitos da crise e das demissões



a potencializar todo esse sofrimento. É claro que em algum momento da conjuntura essas opções de classe vão ser mais facilmente vislumbradas e o preço devido será cobrado em forma de tensões, manifestações populares, tumultos, revoltas, greves, etc.

A ideologia burguesa vai a todo instante buscar jogar o ônus da crise sobre as costas dos trabalhadores, com o discurso de que "cada um deve dar a sua parte de contribuição para que todos possam se salvar". O que ela quer, na verdade, mais uma vez, é salvar o seu sistema de exploração e opressão. Com a tendência para o acirramento das lutas, a burguesia certamente também se unirá, em mais uma orquestração de classe, para suportar possíveis investidas do operariado em nível internacional (vide nosso boletim O Fascismo deixou de ser uma possibilidade?).

UMA OPORTUNIDADE HISTÓRICA

A globalização do capital, tão cantada e decantada por anos a fio, propicia agora uma crise da mesma forma globalizada, e também uma classe trabalhadora internacional que convive e luta em meio aos mesmos problemas. Acreditamos que o capitalismo já cumpriu o seu papel histórico de "revolucionar as formas produtivas e finanças em termos mundiais", e passa agora por momentos de dificuldade talvez como nunca existiram antes, dada a maturidade do sistema e de sua crise, e dado o fato desta crise ter atingido o coração do sistema, a sua economia maior.

Hoje capitalismo e humanidade se encontram em contradição, visto que a ganância por lucros exaure de forma inapelável os recursos do planeta. Os trabalhadores, no entanto, não podem ficar de braços cruzados esperando o sistema apodrecer e cair por si mesmo. Esse sistema não cairá sozinho, terá de ser derrubado, e esse momento conjuntural é mais uma janela de oportunidade que a história vez por outra abre para aqueles que têm capacidade, força e organização para fazer a história para si.

AS FORMAS SOCIAIS DA VIOLÊNCIA E AS SITUAÇÕES REVOLUCIONÁRIAS EM PERSPECTIVA NO PROCESSO DE CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL

As formas sociais da violência e as situações revolucionárias em perspectiva no processo de crise estrutural do capital

No âmbito da sociedade burguesa atual em crise e de avançado processo de decadência, existem duas formas básicas e algumas outras secundárias, intermediárias e/ou enviesadas de violência, todas elas brotando do mesmo solo e da mesma tessitura social num rápido e generalizado processo de decomposição e de esgarçamento de valores, instituições, símbolos e demais formas superestruturais secularmente convocadas a calçar o poder de Estado da classe burguesa.

Essas duas formas básicas de violência, que derivam de uma só fonte, são: a) de um lado, a violência opressiva e repressiva de que lançam mão os agentes governamentais do capital, direta (forças e aparatos policiais de Estado) e indiretamente (forças e aparatos para-militares, grupos de extermínio, grupamentos de mercenários a soldo, etc.), para manter a ordem da exploração da mais-valia social; b) de outro lado uma outra violência, que nasce da mesma fonte, do mesmo mecanismo central de exploração, só que na complexa dialética da luta de classes em seu estágio atual, em sentido inverso, dessa vez encampada pelas camadas do proletariado; inicialmente, e por muito tempo, como formas de resistência ao mecanismo opressor e repressor e, finalmente, por se verem forçadas à iniciativa, quando, já agindo como classe para si, se veem obrigadas a detonar o poder de classe do capital e a erigir, por necessidade, o seu poder, a sua legítima ditadura sobre a burguesia derrubada, mas ainda não abatida.

Por dentro dos interstícios desse eixo central da luta de classe moderna existem outras formas de manifestação da violência, que derivam de situações de ordem vária, tais como: a) a luta encarniçada das frações do mesmo capital pelo controle e pelo monopólio, com a exclusão dos grupos rivais, do butim da mais-valia social - essa forma de violência se devem as guerras inter-imperialistas e as guerras entre nações hegemônicas e nações

não-hegemônicas, na disputa pela partilha do mundo; b) os golpes de Estado, por meio dos quais frações mais fortes das burguesias locais apeiam as frações mais fracas da mesma burguesia do poder de Estado. Também fazem parte da mesma modalidade de violência formas como: a) as investidas, em nome do mesmo capital, contra os segmentos proletários da população, exercidas diretamente pelos aparatos policiais do Estado, como no caso de expulsão e/ou extermínio de camponeses e trabalhadores assalariados do campo, como a grilagem da terra; b) as exercidas indiretamente por forças e aparatos ilegais para-



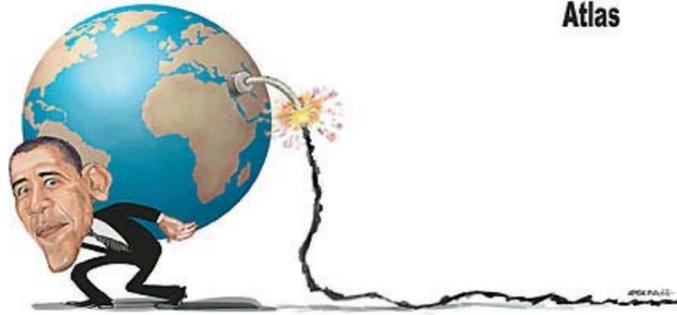
militares de extermínio, portanto também clandestinos, por meio dos quais o capital busca, de forma crescente, eliminar as franjas cada vez maiores, mais onerosas e, também, por extensão, mais perigosas dos desempregados estruturais, do ponto de vista do controle social.

Também entram na mesma contabilidade, as formas de violência popular não insurrecional, que ganham corpo a cada dia, derivadas de um processo de luta de classe travado e enviesado, que provem da mesma fonte de onde as anteriores emanam, mas que se perderam do leite clássico da luta do proletariado contra a burguesia, por conta das inúmeras determinações que, por cerca de décadas a fio, se perderam na ausência de um projeto e de uma direção revolucionária de cunho manifestamente marxista. Entram nessa mesma conta manifestações que vão da inconsequência à delinquência, como as explosões de ódio irracional das hordas de jovens das perigosas periferias metropolitanas das maiores cidades do globo, as famosas batalhas campais entre as torcidas organizadas de futebol, as formas de violência indiscriminadas das gangues de traficantes de drogas das infundáveis favelas de algumas das principais metrópoles do mundo, entre outras. Tal é, numa visão panorâmica sumaríssima, o cenário conceitual das várias formas de violência no mundo moderno. Passemos,

também numa visão sintética, aos seus movimentos, com destaque para aquelas esferas que interferem diretamente na trajetória das lutas de classes insurrecionais. O Brasil que, pelas mãos de um governo que postula para ele um destino de "grande Nação", também aqui se presta como referência privilegiada para a análise, porquanto essas tendências se revelam neste país dignas de um "grande florão" não só da América, mas do Mundo.

O particular fato social atrás referido segue uma tendência que se caracteriza por um crescendo que tem início num incontrolável processo de violência à base de assaltos e de sequestros cujas vítimas são indivíduos, passando, logo depois, para vítimas grupais, para depois tomar a forma de ações de massa. Vejamos um pouco como se caracterizam essas três formas de violência e para onde elas apontam. Em primeiro lugar deve ser dito que as três tendências se desenvolvem a partir de um sequenciamento, no qual as formas iniciais abrem espaço para as seguintes de tal maneira que, a partir de um determinado ponto, as três formas se dão num caudal ao qual elas engrossam em regime de simultaneidade.

A etapa inicial foi e segue sendo constituída de ações de assaltos e de sequestros, feitos à mão armada, nos quais os agentes são "marginais" armados (indivíduos ou pequenos grupos) que individualizam suas vítimas preferentemente na rua-que tanto podem ser pessoas simples (trabalhadores, na sua maioria) quanto pessoas de classe média ou de certos segmentos da burguesia. Como se trata de um modo de ação que combina uma forte necessidade, por parte de jovens completamente sem perspectivas de emprego, de resolver e garantir "estratégias de sobrevivência", o desinteresse e uma congênita incapacidade do Estado de atender e/ou de reprimir tal escala de ocorrências-a que a mídia e os "doutores da lei" dão o pomposo nome de "impunidade"-acaba abrindo espaço para uma outra tendência, que vem encorpando mais recentemente, no qual os agentes formam e agem como gangues que promovem roubos em transportes coletivos, apartamentos da classe média alta, resorts burgueses, supermercados, lojas de conveniências, agências de bancos, etc. Da mesma maneira como acontece na vinculação entre as duas etapas anteriores, ocorre entre as duas já largamente praticadas e uma terceira, num bojo de ações à escala, cujo



selo e alarma pode ter sido a ação de cerca de 1.500 "assaltantes" numa operação de arrastão, provavelmente organizada no ato, como jamais houvera antes.

Num pequeno documento como este não se pode, obviamente, entrar em detalhes acerca de tais ações, de resto relativamente divulgadas pela mídia, não obstante não haver nenhum interesse em informar fato desse calibre, por parte da mídia capitalista. Demais, o que nos interessa não é a descrição desses fatos, mas, antes de mais, tentar apreender a sua tendência manifesta e em que sentido essa tendência aponta.

Estamos convencidos de que tais fatos apontam para um processo de caráter insurrecional que deverá combinar-como traço próprio de movimento de massas nas condições e circunstâncias de uma crise superestrutural de um capitalismo, digamos assim, "globalizado"-duas modalidades de processos, ora paralelos, ora simultâneos e interliga-

dos: um, formado pelo movimento do proletariado fabril, que deverá assumir a conotação clássica que o levará, por necessidade e não obstante a falta de um projeto e de uma direção consequente e à altura das tarefas postas pela classe operária, a colocar em questão a exploração de classe a que está sujeito; outro, que resultará da multiplicação de operações, sem endereço estratégico, sem projeto e sem direção, marcado pela simbiose de um questionamento político incoeso e vago, com operações de vandalismo-na verdade uma potencialização da terceira tendência examinada mais atrás (operações de saques, quebra-quebras e insubordinação civil à escala). A massa social que assumirá tais ações será a formada pelas franjas de um proletariado déclassé, aos quais se somarão parcelas de um lumpen constituído de trabalhadores sucateados, moradores de periferias urbanas, hordas de trabalhadores rurais desempregados e até de trabalhadores fabris que, ainda não vislumbrando uma saída de classe-uma revolução social-, aderirão aos citados movimentos instados pela fome e o desamparo social.

A questão que é posta poderá ser desdobrada da seguinte maneira: a) que tendência geral deverá tomar essa semi-junção de trabalhadores fabris (dotados de uma inicial proposta de classe) com essas franjas semi-conscientes e semi-inconscientes? b) que condições terão as massas de trabalhadores fabris conscientes de exercer atração e

dar direção revolucionária a esses outros, com os quais, no cenário geral da luta de classes, estarão ocupando o mesmo palco de operações e em incontornável interligação? c) que condições terão as mesmas massas de trabalhadores conscientes de anular todo tipo de disposição ao vandalismo e à barbárie derivado de segmentos outros que já optaram pelos caminhos do tráfico de drogas, do contrabando de armas, da prostituição, etc.?

Para os que sentem que o importante não consiste em esperar para "fazer a hora"; para os que compreendem que muito mais urgente e necessário é entender para antecipar-se na potencialização da luta de classes do ponto de vista dos interesses do proletariado fabril; para os que já atinaram que não resta nenhum tempo a perder; para os que já perceberam a urgência e a escala do empreendimento e que não resta também, por outro lado, senão, como uma única alternativa, a de lançar borda a fora todos os passatempos, todas as futilidades e todas as ilusões sindicalistas, parlamentares, de atuação por dentro do sindicalismo, do parlamento, das ONGs e do Estado do capital; para

todos aqueles que, examinando toda a experiência em curso e toda a experiência que o aprofundamento da crise atual está e deverá estar colocando como perspectiva; e, finalmente, para os que se deram conta de que a tendência do tsunami social é avançar por fora e por cima dos espaços de "luta" institucionalizados; pois bem, para todos esses companheiros, só existe um único caminho: trata-se de clarear a si mesmos e às camadas de trabalhadores de ponta do movimento que se abre em perspectiva, e lançar-se para junto dessas lideranças operárias, intercambiando com elas experiências com teoria e organização, os componentes da única alternativa para evitar a barbárie, já desenhada no horizonte da burguesia arqui-decadente e arquirreacionária, e dessa maneira ajudar à classe operária a desenvolver e maturar a única chance de construir um projeto de emancipação de si própria e da humanidade-já que um é o pressuposto do outro-que se coloque em oposição antagônica e como alternativa à barbárie fascista, que é a única "saída" vislumbrada pelo capital.

MÍDIA: RECURSO IDEOLÓGICO, MÉTODO E EFEITO

Não é novidade o fato de a imprensa em geral manipular e mistificar no dia a dia as informações para o conjunto dos trabalhadores e da juventude. Um dado que salta aos olhos de todos é de como se tem dirigido na atualidade os programas jornalísticos. Isso porque, os de entretenimento e "besteirol" chegam a ser um forte convite à idolatria do banal, tanto que cabe aqui todo o nosso desprezo e a nossa repulsa.

Os programas jornalísticos, principalmente da TV e do Rádio estão, antes de tudo, totalmente controlados pelas grandes emissoras capitalistas, o que também já não é nenhuma novidade, mas - e o que é pior -, desta vez auxiliados diretamente por um conjunto de igrejas e seitas religiosas (católicos, evangélicos etc.) que, fazendo uso dos mais importantes meios de comunicação de massa, despejam diariamente nas cabeças de todos, toneladas e mais toneladas de materiais nocivos ao desenvolvimento do senso crítico e totalmente a favor do embrutecimento, do alienante e do mais ordinário senso comum.

São basicamente quatro os tipos de programas oferecidos ao público: a) os programas de entretenimento (Faustão, Luciano Hulk, Angélica, Xuxa, Silvio Santos, Raul Gil etc.), sem maiores comentários; b) as novelas, que estão constantemente mais afastadas de qualquer crítica social séria, quando muito, usam de uma crítica superficial e banal do cotidiano, visto pelos olhos da pequena-burguesia (que são na quase totalidade das vezes os protagonistas dessa série de dramas existenciais maniqueístas do "bem" contra o "mal"); c) programas de entrevistas, quase que totalmente dirigidos para a formação midiática da opinião pública dos setores mais "esclarecidos" ou pretensamente "desenvolvidos" intelectualmente, na verdade da chamada classe média (urbana e rural); d) programa de notícias. Aqui cabe de nossa parte um pouco mais de atenção.

Os noticiários da imprensa em geral se condensam fundamentalmente na corrupção, no "combate" ao narcotráfico, na violência e assassinatos urbanos, nas catástrofes naturais e no desenvolvimento de guerras e combates ao terroris-



mo. Não costumam colocar, de forma mais esclarecedora, informações sobre a crise atual do

CORRUPTOS? QUEM SÃO ELES?

Coloca sempre a mídia que um dos problemas principais da sociedade é o fato de não se punir os corruptos, responsáveis diretos, segundo ela, por todos os desmandos do Estado. Na verdade, esta visão não vai muito longe. Ela se situa na camada mais fina e superficial da aparência do fenômeno social em voga, o capitalismo. A corrupção é inerente a toda e qualquer formação social capitalista ou mesmo de formações sociais anteriores em que predominavam as relações baseadas na propriedade privada dos meios de produção e exploração de classe.

O corrupto aparece para o conjunto dos trabalhadores como o grande causador do mal, o inimigo a ser combatido, o grande responsável pelos desmandos sociais na saúde, na habitação, na segurança, nos salários etc. Com a insistência neste

APARÊNCIA E ESSÊNCIA

Trocando em miúdos, em nenhum momento se penetra na essência do problema, fica-se na mera superficialidade de maneira proposital, no intuito de esconder dos trabalhadores a verdadeira causa dos referidos efeitos, com o objetivo de camuflar dos milhões de proletários a natureza real do mundo podre por onde brota a exploração de classe. Aqui sim, os verdadeiros responsáveis, em grau menor ou maior, pela barbárie capitalista.

Há uma tendência muito grande por parte da burguesia e dos seus meios de comunicação de massa, em propalar aos quatro cantos do planeta, propostas que contemplem "paz" entre os indivíduos, por ela concebida como iguais, mas que historicamente estão divididos em classes sociais com interesse antagônicos. Este recurso, de caráter eminentemente ideológico, só se sustenta nos períodos de relativa estabilidade política e social, visando, antes de tudo, domesticar a luta dos setores explorados e oprimidos contra as forças do capital, autoritária, fascista e intolerante.

É desta forma, por exemplo, que a mídia vem dando uma cobertura e dimensão nunca vista na história da imprensa falada, escrita e televisiva, para a questão da violência nas cidades médias e nos

capitalismo, sua verdadeira dimensão e profundidade.

enfoque, tiram-se de foco os verdadeiros responsáveis pela situação caótica em questão: a burguesia e o seu Estado.

Quanto à questão do narcotráfico, da violência e dos assassinatos, tem-se o objetivo claro de alimentar ainda mais o pavor na população laboriosa, que mais uma vez acaba por não conseguir enxergar os verdadeiros culpados pela marginalização e pelo crime. Com isso, ocorre uma verdadeira apologia às medidas reacionárias repressivas do Estado, que acaba por ser visto como o principal responsável para administrar os conflitos sociais deste porte. Não é à toa que vemos constantemente reivindicações e apelos da mídia em se construir mais cadeias, mais aparelhos policiais, "melhoramento" das leis penais etc.

grandes centros urbanos, como também, nos presídios e reformatórios.

Na maioria das vezes o tratamento que se dá a esse problema de caráter social é o de banalizar da maneira mais estúpida possível a marginalidade a que estão submetidas milhões de pessoas per-

tinentes à parcela de excluídos da sociedade capitalista. Falam da maneira mais hipócrita e cínica da ação de violência por parte da maioria da população que não se inclui mais no mercado de trabalho, que teima em viver e habitar as encostas dos morros,

as palafitas de mangues, as favelas e marquises de edifícios.

Esta é também uma ação por demais violenta e que a classe dominante finge não se dar conta. Portanto, mandar que se "baixe a guarda", no que diz respeito ao combate ferrenho à burguesia e ao seu Estado, é por demais ingênuo (ou esperto). Quando não, um recurso desonesto na defesa da "paz" e da irmandade entre os seres humanos com interesses contraditórios; é na verdade um mecanismo de escamotear a realidade social.

Nas catástrofes, coloca-se o "homem" como principal causador da agressão à natureza sem em nenhum momento dar nome aos responsáveis: o



capital e a burguesia, este casal tão bem estruturado no capitalismo, detentores dos principais meios de ação danosa à natureza e, dessa forma, à sociedade, à vida humana.

Durante muito tempo, a burguesia teima em caracterizar de terrorista toda e qualquer ação que parta de forças políticas contrárias ao seu domínio. Na verdade, experiências revolucionárias proletárias de conteúdo socialista, mesmo antes de serem,

A DIMENSÃO DA HISTÓRIA

Não confundir experiências frustradas do proletariado revolucionário é fundamental e importante para a compreensão política e ideológica dos trabalhadores hoje. Nesse sentido, precisamos combater ações violentas como as derivadas do nazismo, do fascismo e das ações do imperialismo no mundo. Para combatermos a face brutal da ação burguesa, faz-se necessário um amplo movimento que barre essa irracionalidade, mesmo que para isso haja um endurecimento também da ação dos movimentos realmente sérios e que tenham a perspectiva de um mundo verdadeiramente solidário e humano.

Os métodos utilizados pelo terrorismo, seja por grupos nacionalistas, religiosos ou pelo Estado capitalista, são essencialmente diferentes e antagônicos da luta socialista e revolucionária. É preciso deixar claro que não se realizará transformação social nenhuma sem o recurso da violência, só que, essa

por exemplo, abortadas pelo ascenso ao poder de Estado do stalinismo e derivações, também foram caracterizadas como "ações terroristas". Portanto, essas experiências não podem ser vistas e/ou confundidas com o verdadeiro ideal comunista, pois, apesar dessa luta ter sido vencida temporariamente pela burguesia e demais forças do capital, ela está longe de ter sido definitivamente resolvida.

não será exercida pela minoria sobre a maioria, como acontece constantemente, mas pela massa de trabalhadores efetivos e desempregados, que compõem a maioria do mundo, sobre uma minoria exclusivista que se mantém no poder de Estado, dada à fragilidade em que se encontra o movimento dos trabalhadores, neste momento de aprofundamento da crise econômica em escala internacional.

Portanto, trabalhadores e trabalhadoras, precisamos "ensaiar" e buscar estabelecer uma espécie de pré-Estado, baseado na organização e estruturação dos círculos, das comissões e conselhos operários para nos tornarmos capazes de imprimir na conjuntura um novo traço desmistificador, contribuindo, assim, para o rompimento com o senso comum e todos os tipos de alienações a que estão submetidas à classe operária e o conjunto dos explorados pelo capital.

ESPAÇO CULTURAL

Hibernando

*É domingo
As igrejas já cheias
às seis da manhã
E os revolucionários
Hibernam e dorme*

*Há os que
Passaram a noite
Pregando Deus
E os revolucionários
Hibernam e dorme*

*Os sinos ainda
Dobram por Maria
Numa rígida disciplina
E os revolucionários
Hibernam e dorme*

*Há aqueles
Que esperam
Pela vinda de Jesus
E os revolucionários
Hibernam e dorme*

*Num fideísmo aloprado
Com cânticos e louvores
Numa animação messiânica
E os revolucionários
Hibernam e dorme*

*Marx é devidamente
Esquecido na sepultura
No cemitério Highgate
E os revolucionários
Hibernam e dorme*

*Lênin treme
Em seu mausoléu
A luta continua
E os revolucionários
Hibernam e dorme*

*Os crânios esfacelados
São devidamente esquecidos
Como os de Rosa e Trotsky
E os revolucionários
Hibernam e dorme*

*As classes ainda
Enfrentam-se
Em sacrifícios vãos
E os revolucionários
Hibernam e dorme*

Até quando?

Odísseu Aranha da Roseira